



HISTORICIDADE E INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISTA (TEA) NA SALA DE AULA

Jeilson de Oliveira Moisés¹

RESUMO:

No presente artigo procurou-se, através deste estudo bibliográfico, leitura e análise de várias obras e referências de autores, apresentar aspectos relevantes sobre o autismo e suas características. O objetivo inicial foi o de verificar o impacto do docente de lidar com uma criança diagnosticada com autismo na mediação do processo de construção de aprendizagem de sujeitos autista, inseridos na sala de aula de alunos normais, dentro de uma escola em processo de construção da inclusão. A referida pesquisa priorizou a responder à questão: “Como o aluno autista é inserido em sala de aula?”. A análise baseou-se em artigos científicos, bem como em anais pertinentes a temática, e através da reflexão teórica de autores, recorreram-se as publicações dos teóricos, Cunha (2012), Orrú (2012), Silva (2012) dentre outros. Nesse sentido, os resultados obtidos levaram a concluir que autismo perpassa por desafios quanto à sua inclusão do aluno na sala de aula bem como a importância do atendimento educacional especializado, onde se deve ter um olhar mais preciso a essas crianças que são marginalizadas pela sociedade, dando uma importância da capacitação e profissionalização dos docentes para atender essas crianças com deficiências para que elas não sejam esquecidas.

PALAVRAS CHAVES: Autismo. Atendimento Educacional Especializado. Educação Especial.

RESUMEN:

Este artículo buscó, a través de este estudio bibliográfico, la lectura y análisis de varios trabajos y referencias de autores, presentar aspectos relevantes sobre el autismo y sus características. El objetivo inicial fue verificar el impacto del docente de dárselo a un niño diagnosticado con autismo en la mediación del proceso de construcción de aprendizaje de sujetos autistas, insertos en el aula de estudiantes normales, dentro de una escuela en proceso de construcción de inclusión. Esta investigación priorizó responder a la pregunta: "¿Cómo se insertan los estudiantes autistas en el aula?". El análisis se basó en artículos científicos, así como en análisis relevantes para el tema, y a través de la reflexión teórica de los autores, se utilizaron las publicaciones de los teóricos Cunha (2012), Orrú (2012), Silva (2012) entre otros. En este sentido, los resultados obtenidos llevaron a la conclusión de que el autismo permea desafíos en cuanto a su inclusión del estudiante en el aula así como la importancia de la atención educativa especializada, donde se debe tener una mirada más precisa a estos niños que son marginados por la sociedad, danzas una importancia de la formación y profesionalización de los maestros para atender a estos niños con discapacidad para que no sean olvidados.

PALABRAS CLAVE: Autismo. Servicio Educativo Especializado. Educación especial.

¹ Graduado em Licenciatura Plena em Pedagogia (UEMA,2014). Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica (FAIARA,2018), Especialista em Educação Infantil (FUTURA,2019), Gestão E Orientação (Santa Fé,2016).



ABSTRACT:

This article sought, through this bibliographic study, reading and analysis of several works and references of authors, to present relevant aspects about autism and its characteristics. The initial objective was to verify the impact of the teacher of giving it to a child diagnosed with autism in the mediation of the learning construction process of autistic subjects, inserted in the classroom of normal students, within a school in the process of building inclusion. This research prioritized answering the question: "How is autistic students inserted in the classroom?". The analysis was based on scientific articles, as well as on anais relevant to the theme, and through the theoretical reflection of authors, the publications of the theorists, Cunha (2012), Orrú (2012), Silva (2012) among others, were used. In this sense, the results obtained led to the conclusion that autism permeates challenges regarding their inclusion of the student in the classroom as well as the importance of specialized educational care, where one should have a more precise look at these children who are marginalized by society, dances an importance of the training and professionalization of teachers to attend to these children with disabilities so that they are not forgotten.

KEY WORDS: Autism. Specialized Educational Service. Special education.

INTRODUÇÃO

As escolas atualmente vêm vivendo momentos difíceis no que desrespeita ao ensino, já não bastasse o ensino para crianças ditas normais, hoje as instituições educacionais perpassam por barreiras que levam cada vez mais o professor a procurar capacitações para reformular seus conhecimentos, pois muitos vêm recebendo crianças especiais sem pelo menos terem tido uma capacitação.

Esse artigo se propõe a analisar aspectos da transdisciplinaridade do sujeito autista inserido dentro de um contexto de sala de aula de uma escola regular de ensino fundamental da rede pública. O objetivo dessa pesquisa foi o de verificar o impacto do docente de lidar com uma criança diagnosticada com autismo na mediação do processo de construção de aprendizagem de sujeitos autista, inseridos na sala de aula de alunos normais, dentro de uma escola em processo de construção da inclusão.

Sendo assim, nosso esforço foi no sentido de fundamentar uma investigação no cenário escolar, mostrando como o professor em sua prática docente lida com uma criança autista, e quais metodologias ela usa para trabalhar com essas crianças dentro de uma escola pública de ensino regular. Partindo desse pressuposto, buscamos responder com a nossa pesquisa, a seguinte pergunta científica “ como o aluno autista é inserido em sala de aula ? ”.

Mediante a importância dessa temática, expõe-se de que a inclusão nas escolas, veio a contribuir para o processo de ensino aprendizagem dessas pessoas com deficiência, e que através das salas de Atendimento Educacional especializado (AEE) a mesma vem contribuído com grande eficácia,



e tendo bons resultados tanto na elaboração de propostas didáticas, bem como na construção de recursos que despertam a aprendizagem dessas crianças atendidas. Tendo como objetivo principal relatar a importância do Atendimento Educacional Especializado (AEE) para a contribuição do processo de ensino aprendizagem a alunos com autismo .

Para tanto destaca-se como objetivos específicos: Caracterizar a importância das salas de AEE para o processo de ensino aprendizagem para alunos autismo; Relacionar e destacar a importância dessas salas de AEE para a formação de alunos com autismo ; caracterizar o autismo e Identificar os meios contribuintes para o processo de ensino e aprendizagem que levam uma criança com autismo, a apreender e compreender o que é ensinado a partir do atendimento especializado dado.

HISTORICIDADE DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL

A inclusão social é o processo pelo qual a sociedade e o portador de deficiência procuram adaptar-se mutuamente, tendo em vista a equiparação de oportunidade e, conseqüentemente, uma sociedade para todos. As pessoas com deficiências, de modo geral, tem sido contada através de conhecimento e análise de documentos institucionais, legislação, ou outras formas registros escritos. A educação Inclusiva faz parte de um contexto maior que é o da própria sociedade. É por isso que ela não pode ser reduzida apenas à quebra dos processos de exclusão e de marginalização dos sujeitos, na escola.

Atentos a essa questão, alguns autores, como Ezpeleta e Rockwell (1989), ressaltam a coexistência de outra história e existência, não documentada, mas também presente e que pode nos auxiliar a entender a dinâmica das relações que são estabelecidas em um determinado período histórico.

A partir da consideração desses aspectos, o objetivo da presente pesquisa consiste em conhecer a história de alunos cujo percurso educacional incluiu tanto a experiência na educação especial - em classes especiais para deficientes mentais -, como no ensino regular.

A abordagem histórica implica a consideração do movimento histórico, da dinâmica social. Vygotsky, em suas análises, aponta para a relação inexorável entre movimento e história. A recusa do “olhar” estático leva-o a dizer que “estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança” (Vygotsky, 1984:74). Com a preocupação de considerar o processo dos fenômenos estudados e o movimento de sua constituição, Vygotsky propõe uma análise que possibilite a reconstrução e o entendimento dos caminhos já consolidados. Essa reconstrução do processo possibilita o que, no materialismo histórico, se chama de apreensão do concreto “O concreto é concreto



por ser a síntese de múltiplas determinações, logo, unidade da diversidade” (Marx, 1983:218).

É na procura das múltiplas determinações, do movimento das múltiplas determinações que podemos nos aproximar do entendimento do fenômeno, no caso: a especificidade humana. Essa especificidade humana é abordada como parte de uma totalidade maior à qual está intimamente relacionada, num processo de multi-determinações.

Para que se possa analisar o fenômeno como parte de uma totalidade acredito serem necessárias: a percepção do movimento contraditório inerente à história e a apreensão de determinações e de relações constitutivas do desenvolvimento social, a partir de um esforço de observação, registro e análise. Consideramos, portanto, os determinantes históricos como condições de produção do processo de constituição do sujeito. Essas são as condições de existência necessárias para o desenvolvimento humano. Condições de existência dizem respeito a condições sociais, condições ideológicas e materiais.

A discussão acerca da influência de fatores internos e externos no desenvolvimento do homem pode ser identificada desde os primeiros registros filosóficos. Esse debate também circunscreve a elaboração das concepções acerca da deficiência mental, de modo que, Michelet & Woodill, (1993) relatam que, apesar da forte crença em determinantes divinos no período grego, registros atribuídos a Hipócrates (460? -377? A.C.).

“uma causa natural e sua suposta origem divina é devido à inexperiência do homem seu deslumbramento diante de sua particular característica” (apud Michelet & Woodill, 1993:85).

O conhecimento no campo das ciências naturais, que tem grande impulso a partir da Modernidade, propicia que a discussão acerca da influência dos componentes internos (“inatos”) e externos (sociais) no desenvolvimento humano vá ganhando status de cientificidade, de modo que, o discurso² científico vai sendo instituído e preceitos como a “racionalidade” e a valorização da experiência sensível/empírica vão sendo incorporados por diferentes campos do conhecimento.

Em meio ao clima de crença nas descobertas científicas, principalmente das ciências naturais, a psicologia e a sociologia vão emergindo como ciências e sendo fortemente influenciadas por trabalhos como os de Comte (1798-1857), Stuart Mill (1806-1873) e Spencer (1820-1903), que contribuem para a presença de uma visão evolucionista nas ciências humanas. A tese de que a organização do mundo humano está sujeita a uma evolução natural progressiva é aceita, e, portanto, as relações entre os homens e o próprio homem - como fenômeno a ser estudado -, devem ser observados, descritos e classificados.

² Usaremos o termo “discurso” no sentido trabalhado por Bakhtin como “a língua em sua integridade concreta eviva” (Bakhtin, 1981:157).



Nesse momento, vemos concomitantemente a valorização de fatores biológicos na explicação do desenvolvimento humano e social e a existência de um conceito idealizado de natureza humana. Por esse enfoque, o desenvolvimento humano é entendido como um “desabrochar” de dons já trazidos em sua essência, tal qual as sementes guardam as qualidades naturais das plantas.

Com base nos preceitos da ciência moderna, passa-se a procurar uma relação direta entre lesões anatômicas e sintomatologia clínica (c.f. Ornellas, 1997). Comte (1824, apud Canguilhem, 1982:28), comenta este aspecto, dizendo que “jamais se concebeu de maneira direta e satisfatória a relação fundamental entre a patologia e a fisiologia”.

Nesse contexto, a obra de Darwin (1809-1882) traz implicações fundamentais ao entendimento do ser humano. Como exemplo, apontamos a difusão da tese de que “não existe nenhuma diferença fundamental entre o homem e os mamíferos mais elevados no que respeita às faculdades mentais” (1859, apud Abbagnano, 1984 §649).

As teses sobre evolução natural vão ganhando espaço nas ciências que se propõem a explicar o desenvolvimento humano. Segundo Abbagnano (1984) o conceito de evolução forneceu um esquema geral de concepção do mundo, sendo que diferentes correntes filosóficas (o positivismo, o pragmatismo e o naturalismo³) recorreram implícita ou explicitamente a esse esquema.

Evolução pode ser entendida como:

“progresso natural e necessário de todo o universo, progresso esse que começa na nebulosa cósmica e, através do desenvolvimento ininterrupto do mundo inorgânico e orgânico, continua com o desenvolvimento „superorgânico “do mundo humano e histórico.” (Abbagnano, 1984 §863).

Com base nas informações sobre evolução, a citação acima o autor faz uma ressalva sobre como pode ser entendida a evolução, pois significa que é natural e necessário em todo universo, pois o de acordo com o positivismo, que se difunde com o desenvolvimento da ciência moderna, deixa marcas mais evidentes na organização da sociedade brasileira bem como na apropriação e difusão de um pensamento considerado liberal, por parte dos intelectuais nacionais, desde o período do Império.

DESAFIOS QUANTO À INCLUSÃO:

Os desafios, quanto à inclusão, são inúmeros e sérios. Inúmeros porque demandam toda uma reestruturação do espaço e do tempo escolar e, principalmente, toda uma reconstrução do imaginário do corpo docente e discente da escola quanto à realidade do aluno autista. Faz-se necessário a

³ Por *Positivismo* referimo-nos ao movimento de exaltação à ciência no decorrer do século XIX, que teve entre seus filósofos Saint-Simon (1760-1825), Auguste Comte (1798-1857) e J. Proudhon (1809-1865). O *Pragmatismo* pode ser entendido, segundo Abbagnano (1984) como a forma contemporânea do empirismo inglês.



sensibilização e o treinamento dos recursos humanos da escola (todos os funcionários de todos os níveis), bem como da reorganização dos recursos materiais, didáticos e pedagógicos, da sensibilização da comunidade e a preparação do aluno para o sucesso profissional e vida independente. Sérios porque dizem respeito à vida de um ser humano que, como tal, deve ser respeitado em todas as suas dimensões (direitos, especificidades e diferenças).

Gostaríamos de esclarecer que percebemos a inclusão social “(...) como um processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade.

A inclusão social constitui então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos” „(...) para incluir todas as pessoas, a sociedade deve ser modificada a partir do entendimento de que ela é que precisa ser capaz de atender às necessidades de seus membros.(...)”. (Sasaki;1998)

Às colocações acima, podemos acrescentar as dificuldades de romper com preconceitos e lidar com a surpresa, a inexperiência, a insegurança e angústia do corpo docente, que não havia sido previamente preparado para tal realidade. Acrescenta-se a tudo isto a inclusão pedagógica uma vez que estar na escola regular não pode pressupor apenas a inclusão social, até porque há uma relação direta entre as duas.

Ao longo destes anos, alguns desafios foram vencidos e outros surgiram. Hoje, podemos afirmar que já contamos com uma mudança radical quanto à postura de professores e demais comunidades escolar ou sociedade em geral. Não se pode, por exemplo, negar o crescimento em todas as dimensões (social, cultural, política, intelectual, psicológica, etc.) vivenciado por todos na escola. Mas muito ainda há por fazer, pois não podemos fechar os olhos ao projeto que construímos e que ainda não foi devidamente implantado, pois muitas de suas colocações independem da escola e estão atreladas a questões políticas e burocráticas.

Uma questão que não pode ser esquecida é a do material didático, que não é contemplado como deveria pelos órgãos competentes. Assim, a escola não apresenta condição econômica necessária e suficiente para sua aquisição.

AUTISMO: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Tendo como base todas as transformações que o autismo sofreu ao longo do tempo conforme as evoluções e necessidades sociais, este capítulo tem o objetivo de destacar pontos relevantes que marcaram toda essa trajetória considerando todos os estudos sobre o autismo e suas respectivas funções



do educador em lidar com alunos autistas e sua evolução ao longo desse trajeto.

Além disso, serão expostas todas as características, as leis que deram fundamentação ao autismo, bem como diagnósticos do aspecto autista, ressaltando suas principais características sofridas ao longo da história e que hoje serviram de base para elencar suas reatribuições no espaço da sociedade atual. Mostraremos também a metodologia utilizada por docentes para trabalhar com discentes autistas em sala de aula.

O autismo no Brasil: do início aos dias atuais.

O autismo hoje conhecida como um Transtorno de desenvolvimento grave em que o indivíduo tem prejuízo na sua capacidade de se comunicar e interagir o mesmo atualmente vem despertando interesse de muitos estudiosos, que buscam soluções para com essa síndrome.

O termo autismo vem sendo estudado desde o século XX quando foi usado pelo psiquiatra Eugen Bleuler em 1908, quando usou o mesmo para descrever um de seus pacientes esquizofrênico, e introduziu em seus estudos “o autismo pra definir a perda de contato com a realidade, produzindo um déficit de comunicação. Mas segundo a história do estudo dessa síndrome, alguns estudiosos contestam a teoria de Bleuler contrariando o mesmo, onde Leo Kenner publicou em 1943 um artigo que ressalta e identifica que crianças autistas, onde ele dizia tê-las reconhecido desde 1938, pois antes que Kenner notasse e registrasse o conjunto de sintomas autista, estas crianças eram classificadas com desequilíbrio emocional ou retardo mental. o pesquisador observou também, que “muitas vezes estas crianças possuíam habilidades que mostravam que elas não eram simplesmente lentas na aprendizagem, e que não respondiam ao padrão de criança com equilíbrio emocional ou retardo mental.

Vale ressaltar do pioneirismo no estudo e pesquisa do autismo era Hans Asperger e Leão Kanner, que trabalhavam em suas pesquisas nos anos 40, onde Asperger descreveu crianças muito capazes, já Kanner descreveu as crianças que eram severamente afetadas e suas opiniões foram essenciais e auxiliaram muito médicos para as próximas três décadas.

O autismo segundo estudos futuros após a descoberta de Kanner perpassou por grandes descobertas, mesmo após sua colocação sobre o assunto onde mencionou que muitas crianças eram desajeitadas e bastante diferentes das ditas crianças normais, possuíam habilidades de motor finas.

De acordo com os estudos de Orrú (2012), o mesmo ressalta que os traços apresentados pelo grupo de crianças observado por Kenner eram:

Incapacidade para estabelecer relações com as pessoas, um vasto conjunto de atrasos e alterações na aquisição e no uso da linguagem e uma obsessão em manter o ambiente intacto,



acompanhada da tendência a repetir uma sequência limitada de atividades ritualizadas. (2012, p. 19).

Na citação acima Orrú (2012), ressalta a incapacidade da linguagem, pois o mesmo ressalta características da criança que tem atraso na linguagem, bem como o de manter o ambiente intacto.

Para Cunha (2012), o mesmo comenta que Kanner apropria-se do termo autismo pelo psiquiatra suíço Bleuler, empregado pela primeira vez em 1911, que teve como finalidade a de descrever a fuga da realidade e o retraimento interior dos pacientes acometidos de esquizofrenia.

No estudo de Bruno seguinte o de Bettelheim, os mesmos estudaram o efeito de três sessões de terapia com crianças que chamou artísticas, onde concluiu e reivindicou que o problema nas crianças era devido à frialdade de suas matrizes e separou as crianças de seus pais. Kanner e Bettelheim ambos trabalharam para a factura da hipótese que mostrou que as crianças autísticas tiveram matrizes frígidos.

Seguindo esse estudo, o psicólogo e pai de uma criança diagnosticada com autismo discordou com o que Bettelheim havia colocado em seus estudos, e não concordando que a causa do autismo do seu filho era devido a sua ou às habilidades de parenting da sua esposa. Após essa indagação, Bernard em 1964 vendo a necessidade de se posicionar sobre o assunto, publicou um artigo sobre, autismo infantil: A síndrome e suas implicações para uma teoria neural do comportamento para uma melhor compreensão.

Segundo Silva (2012, p. 109):

Para crianças com autismo clássico, isto é, aquelas crianças que tem maiores dificuldades de socialização, comprometimento na linguagem e comportamentos repetitivos, fica clara a necessidade de atenção individualizada. Essas crianças já começam sua vida escolar com diagnóstico, e as estratégias individualizadas vão surgindo naturalmente. Muitas vezes, elas apresentam atraso mental e, com isso, não conseguem acompanhar a demanda pedagógica como as outras crianças. Para essas crianças serão necessários acompanhamentos educacionais especializados e individualizados.

A criança autista segundo o autor acima, sem dúvidas são crianças que apresentam uma dificuldade de socialização, pois as crianças autistas são muito sensíveis, e tem um comportamento repetidos, e necessitam de uma atenção bastante rigorosa, pois as mesmas ao iniciar sua vida escolar já são inseridas com diagnóstico, e com a rotina em sala de aula vão surgindo estratégias individualizadas, pois elas devem ter um atendimento específico para que não se sintam excluídas.

Partindo dessa concepção da criança autista, em meados dos anos 70, ainda tendo o autismo como uma discursão no meio científica, o mesmo veio a ser melhorado com a contribuição dos estudos da fundação de Erica, que iniciou a educação e a terapia para crianças dementes no início dos anos 80, mesmo tendo muitos pais confusos com o autismo, confundindo com o atraso mental e a psicose. Ainda nos anos 80 segundo o trabalho de Asperger, o mesmo foi traduzido para o inglês e publicado, dando-lhe uma entrada ao conhecimento. O mesmo realizava-se pesquisas nos anos 80 que impulsionava



o ganho do autismo, onde admitiu-se que parenting não teve de maneira nenhuma o papel na causa do autismo e havia uns distúrbios neurológicos e outras doenças genéticas como a esclerose tuberosa, uns distúrbios metabólicos como PKU ou umas anomalias cromosomáticas como a síndrome frágil de X.

Características do autismo.

Partindo da necessidade de se conhecer a palavra autismo, a mesma vem do grego “autós” que significa auto e a palavra “autismo” utilizada por Bleuler para significar a auto- admiração mórbida e a retirada dentro do auto.

Mas segundo Cunha (2012, p. 20), “o termo ‘autismo’ deriva do grego ‘autos’, que significa ‘por si mesmo’ e, ‘ismo’, condição, tendência”. Vale ressaltar que na concepção do autor, as crianças observadas pelo psiquiatra austríaco apresentavam as características de isolamento, igualmente demonstrada pelos esquizofrênicos, dando a impressão de que eles estavam presos em si mesmos. Porém, o diferencial era que no autismo esta condição já estava presente desde tenra idade.

Segundo o Manual de Orientação Departamento de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento (2019), o mesmo conceitua o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um transtorno do desenvolvimento neurológico, caracterizado por dificuldades de comunicação e interação social e pela presença de comportamentos e/ou interesses repetitivos ou restritos.

Vemos que nas informações esses sintomas configuram o núcleo do transtorno, mas a gravidade de sua apresentação é variável. Essa informação trata-se de um transtorno pervasivo e permanente, ou seja, se não havendo cura, ainda que a intervenção precoce possa alterar o prognóstico e suavizar os sintomas. Vale ressaltar que, além disso, é importante enfatizar que o impacto econômico na família e no país, também será alterado pela intervenção precoce intensiva e baseada em evidência.

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) segundo estudos tem origem nos primeiros anos de vida, vale ressaltar que sua trajetória inicial não é uniforme, pois em algumas crianças, os sintomas são aparentes logo após o nascimento da criança, até mesmo porque na maioria dos casos os sintomas do TEA são podem ser coerentemente identificados entre os 12 e 24 meses de idade. Para o Manual de Orientação Departamento de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento (2019 p.2) colocamos que:

Aos 6 meses de idade, Ozonoff e colaboradores não encontraram diferenças entre bebês que mais tarde receberam o diagnóstico de TEA e aqueles que continuaram a desenvolver-se tipicamente no que diz respeito à frequência de comportamentos sociais e comunicativos próprios dessa idade (sorriso social, vocalizações dirigidas e olhar para o rosto de outras pessoas).

Conforme os relatos apresentados pelo manual de orientação departamento de pediatria do



desenvolvimento e comportamento (2019) “não é surpreendente, portanto, que a busca por sinais precoces do autismo continua sendo uma área de intensa investigação científica. esses sinais segundo as orientações da mesma, são essenciais para que possamos identificar uma criança com TEA, e de grande relevância para um diagnóstico preciso.

Esses sinais segundo o Manual de Orientação Departamento de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento (2019 p.2) podem ser da seguinte maneira:

- perder habilidades já adquiridas, como balbúcio ou gesto dêitico de alcançar, contato ocular ou sorriso social; - não se voltar para sons, ruídos e vozes no ambiente; - não apresentar sorriso social; - baixo contato ocular e deficiência no olhar sustentado; - baixa atenção à face humana (preferência por objetos); - demonstrar maior interesse por objetos do que por pessoas; - não seguir objetos e pessoas próximos em movimento; - apresentar pouca ou nenhuma vocalização; - não aceitar o toque; - não responder ao nome; - imitação pobre; - baixa frequência de sorriso e reciprocidade social, bem como restrito engajamento social (pouca iniciativa e baixa disponibilidade de resposta) - interesses não usuais, como fixação em estímulos sensorio-viso-motores; - incômodo incomum com sons altos; - distúrbio de sono moderado ou grave; - irritabilidade no colo e pouca responsividade no momento da amamentação.

Ainda em se tratando do estudo do autismo, suas características comuns, podem ser descritas em detalhes com respaldo nos casos estudados por Kanner quando o mesmo comentou que as características são comuns e especiais, e que podem ser referidas principalmente em três aspectos como “as relações sociais” que seu ponto fundamental era a incapacidade de se relacionar normalmente com as pessoas e situações, “a comunicação e a linguagem”, que é um amplo conjunto de deficiências e alterações na comunicação e na linguagem das crianças autistas e por fim “a insistência na invariância do ambiente” que trata da inflexibilidade, a adesão rígida a rotinas e a insistência sobre igualdade.

Vale ressaltar que o autismo desde 2012 passou em dezembro do ano em questão a obter alguns dos seus direitos que foram assegurados por lei, uma legislação que foi a lei de número 12.764, intitulada de “Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista”. Que foi basicamente, a lei que reconhece que os portadores de autismo têm os mesmos direitos que todas as outras pessoas com necessidades especiais no Brasil. Vale ressaltar que a mesma apresenta entre outros aspectos, a legislação garante que os autistas podem frequentar escolas regulares e, se necessário, solicitar acompanhamento nesses locais. Partindo desse pressuposto, seguindo o que de fato já era lei, em 2007, o então Estado de São Paulo foi obrigado, de acordo com a lei, a arcar com os custos de educação e saúde de qualquer indivíduo com autismo.

Conforme as informações expostas, podemos notar que fora de muita importância ao autismo porque constam detalhes sobre o diagnóstico do Autismo e suas características. E ao analisarmos essas informações, viu-se a importância de se diagnosticar cedo o autismo para que a criança possa ser inserida na sociedade com informações precisas.



A INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA NA SALA DE AULA.

Vivemos em uma sociedade, que ainda precisa se informar sobre algumas síndromes, dentre essas vale ressaltar o autismo, que é uma síndrome que atinge um quantitativo segundo dados do CDC (Center of Diseases Control and Prevention), órgão ligado ao governo dos Estados Unidos, existe hoje no Brasil, com seus 200 milhões de habitantes, possui cerca de 2 milhões de autistas, e só no estado de São Paulo São mais de 300 mil ocorrências, mas mesmo com esse quantitativo, apesar de numerosos, ainda há os milhões de brasileiros autistas ainda que de alguma forma, sofrem para encontrar tratamento adequado, pois eles encontram muitas dificuldades.

De acordo com a lei 12.764 (Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista) que reconhece que os portadores de autismo possam ter os mesmos direitos que os demais pacientes com necessidade especiais, bem como de serem incluídos em escolas regulares e acompanhamento específico se necessário, veio a somar e dar de forma acessível aos pais com filhos com autismo, um conforto, pois só em saber que seu filho será considerado um aluno regular, e que pode sem dúvidas ser inserido em uma sala de aula, e que poderá ter um acompanhamento por um profissional.

Atualmente nossas escolas vêm aos poucos se adaptando em relação ao atendimento de aluno com autismo, pois a Inclusão sem soma de dúvidas é um meio que veio a somar para tentar garantir uma adequação de qualidade para aqueles alunos com deficiência que eram excluídos no ensino regular, e que com essa Política Nacional de Educação Especial que vem abrindo espaço para discussões, e ao mesmo tempo garantindo esse direito a todas as pessoas com deficiência, seja ela qual for, todos têm a mesma garantia de ser incluído nas escolas regulares.

Para que esses alunos sejam atendidos, é importante ao professor ser capacitado ou passar por um treinamento específico para cada deficiência. Sobre essa indagação, Goldstein S. e Goldstein M. (2003, p. 79), indaga que os professores da pré-escola podem e devem ser treinados a identificar crianças pré-escolares sob risco não apenas de problemas de hiperatividade, mas também de sinais precoces de incapacidades de aprendizado e outros distúrbios psicológicos, como aqueles relacionados com a ansiedade e a depressão.

Vale ressaltar que os professores devem ser treinados para diagnosticarem uma criança com autismo, na qual essa capacitação seja em especial aos docentes desde a educação infantil ao ensino fundamental, que são profissionais que tem um primeiro contato com as crianças, pois após uma determinada idade, os mesmos já pertencem a uma educação diferenciada, pois os mesmos terão um contato com diversos professores em vez de um só, e isso dificulta que ele tenha um bom aprendizado



, e esses docentes sejam incapazes de identificar sinais precoces de autismo. Pois eles tendo um diagnóstico e um trabalho já realizado no ensino Infantil e Fundamental I, já passa a ter um atendimento diferenciado no fundamental II, e os educadores ao receberem alunos diagnosticados, possam se aperfeiçoar para contribuir com a aprendizagem do educando.

Com isso, os professores tem o papel em ajudar a identificar o autismo e orientar os responsáveis, pelo simples fato dos mesmos passar muito tempo interagindo com as crianças, com isso os educadores conseguem observar características que indiquem o autismo. Pois é na escola, que é necessário pensar também nas adaptações para inclusão desses alunos, e ressaltando que o conteúdo precisa ser adaptado e apresentado de forma interativa, como por exemplo, tendo um ambiente, como apoios visuais e físicos.

Assim, Cardoso (2009, p.247) afirma que o professor poderá obter sobre a criança no ambiente escolar valor de extremo para o diagnóstico e identificar as habilidades que devem ser ensinadas por ele, que o mesmo como mediador, e formado de opiniões, ao obter essas informações necessárias para que assim possam se adequar corretamente, e que assim possam propor metodologias específicas para habilidade.

CONCLUSÃO

Com base nos pressupostos legais da Constituição Federal de 1988, o artigo 205 prevê o direito de todos à educação e o artigo 208 prevê o atendimento educacional especializado, e a inclusão escolar, fundamentada na atenção à diversidade, exigindo mudanças estruturais nas escolas comuns e especiais.

A fundamentação filosófica pressupõe que todos os alunos de uma comunidade, independente de suas necessidades educacionais especiais, etnia, gênero, diferenças linguísticas, religiosas, sociais, culturais, entre outras, tem o mesmo direito de acesso à escolarização, com o grupo de sua faixa etária e que a escola deva acolher e valorizar as diferenças.

A educação especial em especial ao Autismo, por sua vez, converte-se em uma modalidade transversal de educação escolar que permeia todos os níveis, etapas e modalidades de educação, por meio da realização do atendimento educacional especializado, definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais, orientando e colaborando com a educação regular comum, em benefício de todos os alunos.

A partir destes fatores, vale ressaltar que o autismo é síndrome em que indivíduo apresenta dificuldade na interação, linguagem e criatividade. E sua ausência da linguagem oral não se faz presente exatamente pelo fato de ordem fonológica, mas também pelo sentido que o indivíduo dá à



comunicação verbal.

Assim, de acordo com o documento Sala de Recursos Multifuncionais (Mec 2006), o atendimento educacional especializado deve ser uma ação dos sistemas de ensino para acolher a diversidade ao longo do processo educativo. Constitui parte diversificada do currículo dos alunos com necessidades educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar e suplementar os serviços educacionais comuns principalmente aos alunos que apresentam e são diagnosticados com autismo.

Para que possamos ter uma educação igualitária, nós enquanto educadores devemos sem sombra de dúvidas receber nossos alunos sem distinção, pois todos devem ser tratados com carinho, pois os alunos “especiais” necessitam de um acolhimento amigável, para que eles se sintam acolhidos por todos, e que possam ter um carinho pelo ambiente escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Educação Especial: deficiência mental**. Org. Erenice Nathalia Soares de Carvalho. Brasília: MEC/SEESP, 1997 (Série Atualidades Pedagógicas 3).

Brasil. Constituição de 1988. 12ª SP; Saraiva, 1988.

BRIDI, F.R. de S. Formação continuada em educação especial: o atendimento educacional especializado. POIÉSIS - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação (Unisul), v. 4, p. 187-199, 2011. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/655/613>. Acesso em 12 de julho de 2017 às 14h30min.

BOCAYUVA, Rubens Vasconcelos. O Desafio da Educação. 1ª ed. Brasília: CBIA, 1990; **CARDOSO, DMP. O fazer pedagógico diante do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade no contexto escolar**. In: DÍAZ, F., et al., orgs. Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 245-254. ISBN: 978-85-232-0928-5. Available from SciELO Books. <http://books.scielo.org>.

CARVALHO, Rosita Edler. Temas em Educação Especial. 1ª ed. RJ: WVA. Editora 1998.

GAIO, Roberta; MENEGHETTI, Rosa G. Krob. Caminhos da Educação Especial no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2004.

SCHIFF, M. A inteligência desperdiçada. Desigualdade social, injustiça escolar. (Trad.: Walkiria Settineri, 1993). Ed. Artes Médicas. Porto Alegre. 1994.

GOLDSTEIN, S; GOLDSTEIN, M. Hiperatividade: como desenvolver a capacidade de atenção da criança. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2003.



FERREIRA, Windyz B. Educação Inclusiva: Será que sou a favor ou contra uma escola de qualidade para todos? Revista da Educação Especial - Out/2005, Nº 40.

MOURA. Andressa Fogliarini de; HOFFMANN. Lucinéia; OLIVEIRA. Rebeca Lauffer ; SABRINA Hencke; SILVA Suzana Dapper. Transtorno **De Déficit De Atenção (TDA)**. Artigo publicado in: Taquara, Faculdades Integradas De Taquara. 2016.p.6. Disponível em: < [Rogalski. Solange Menin. **Histórico do Surgimento da Educação Especial. In:** QuatroIrmãos – RS; v. 5. n. 12.julho – dez. 2010. Semestral. Disponível em < \[https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/168_1.pdf\]\(https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/168_1.pdf\) >. Acesso em: **16 de julho de 2019.**](https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:ULEIqgeiDMEJ:https://professores.%20fac.cat.br/moodle/pluginfile.php/29076/mod_folder/content/0/TRANSTORNO%2520DE%25%2020D%25C3%2589FICIT%2520DE%2520ATEN%25C3%2587%25C3%2583O%2520%2528%20FINAL%2529.pdf%3Fforcedownload%3D1+&cd=1&hl=fr&ct=clnk&gl=br%20.> Acesso em: 16 de julho de 2019.</p></div><div data-bbox=)

ROMERO, Rosana Aparecida Silva. SOUZA, Sirleine Brandão de. **Educação Inclusiva: Alguns Marcos Históricos Que Produziram A Educação Atual.** In: paraná PontificaUniversidade Católica do Paraná-PUCPR. Curitiba: PUCPR,2008, p.01-14. [Artigo]. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/447_408_.pdf . Acesso em 15 maio de 2017.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** 3. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

_____. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** 4 ed. Rio de Janeiro: WVA, 2002.

TÉDDE, Samantha. **Crianças com deficiência intelectual: a aprendizagem e a inclusão** / Samantha Tédde. – Americana: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2012. 99 f.

Transtorno do Espectro do Autismo. **Manual de Orientação Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento.** Sociedade Brasileira de Pediatria. Nº 05, Abril de 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/Ped._Desenvolvimento_-_21775b-MO_-_Transtorno_do_Espectro_do_Autismo.pdf.